

DOR E LESÕES DE ATLETAS DE ALTO RENDIMENTO: UMA ANÁLISE DO PROGRAMA SPORTV REPÓRTER.

Danielle Freire Wiltshire Viana

Silvan Menezes dos Santos

Verônica Moura Santos

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O mundo contemporâneo vive um momento cultural e econômico talvez impensável anteriormente. Com o processo de “globalização econômica e mundialização da cultura” (PIRES, 2002) a comunidade planetária pôde compartilhar de maneira familiar das mesmas representações e símbolos sociais, independente do espaço e tempo em que se encontre no globo. E foi dentro desse contexto que o esporte moderno ganhou dimensões mundiais e alcançou o triunfo como produto cultural e, sobretudo, econômico. Adequado e unificado pelas instituições burocráticas que o gerem e adaptado às regras mercadológicas do sistema econômico vigente e dominante, o fenômeno esportivo ultrapassou barreiras territoriais, religiosas e ideológicas sendo conhecido nos quatro cantos da Terra.

O fenômeno esportivo apropriado por diferentes instâncias sociais, sejam elas políticas, comerciais, comunicacionais, educacionais, entre outras, apresenta diferentes manifestações de subsunção à sociedade espetacular das representações, conforme estudado por Pires (1998), como a espetacularização, a mercadorização, a ideologização, a funcionalização e por fim, mas não menos importante, a sociabilização. Esta última, que diz

respeito às construções de estereótipos e modelos de conservação/padronização corporal. Esse processo de apropriação social do fenômeno que reproduz e reforça a dimensão hegemônica que se difundiu socialmente sob a perspectiva do alto rendimento, da competição, da sobrepujança ao adversário, de superação de limites e de corpos atléticos representados como sinônimos de saúde.

O universo do esporte de alto rendimento vem sendo discutido por diversas áreas do conhecimento e em específico o campo da Educação Física. Discussão esta, que se pauta, principalmente nas suas relações socioculturais, econômicas e políticas, ainda mais em tempos que megaeventos esportivos estão sendo realizados no território nacional. Entretanto, uma temática de grande relevância, que ultrapassa questões estruturais do sistema esportivo e que permeia os meandros subjetivos e singulares dos milhares de atletas que se submetem ao alto nível, apresenta-se como uma demanda atual e carente de reflexão, que é o discurso sobre a saúde dos atletas.

Saúde que é um tema muito amplo e discutível, que há muito tempo está nas pautas de conferências e debates não só da Educação Física, mas também de outras áreas das Ciências Biológicas, Sociais e Humanas sem nem ainda chegar-se a uma definição ou conceito em comum. Entretanto, por trás de toda a discussão já existente e ultrapassando toda a dificuldade de consenso acerca da temática, a mídia apropriou-se do esporte sem se comprometer com o contexto da saúde que está envolvido na sua prática, ocultando e até maquiando informações e tratando de maneira rasa dois elementos da cultura, o esporte e a saúde, que sendo assim, são bens públicos, ou ao menos deveriam ser de acesso e direito de todo cidadão.

Enquanto o âmbito acadêmico da Educação Física tende a se apropriar da relação Movimento Humano, Exercício Físico, Esporte e Saúde por um viés patogênico limitado, que se baseia na doença

e nos seus fatores de risco, os meios de comunicação de massa, como suporte operacional da indústria da cultura, difundem os seus esquemas em forma de discurso midiático-esportivo conformando socialmente a cultura esportiva e uma determinada compreensão sobre a relação esporte e saúde.

Diante do dilema acadêmico sobre as (in)definições e concepções acerca do tema Saúde, que são mais tensionadas quando relacionadas com a dimensão do esporte de alto rendimento, encontramos uma reportagem, de uma mídia televisiva nacional que falou especificamente sobre dor e lesões em atletas, achamos a oportunidade para refletir e dissertar algumas breves discussões sobre essa relação. O presente estudo apresenta-se com o intuito de correlacionar dois eixos supracitados: a discussão acadêmica já existente acerca da relação Esporte e Mídia; e as implicações desta primeira sobre a concepção de Saúde na Educação Física, tudo isso pensado a partir de um exemplo de discurso midiático-esportivo específico, uma edição do programa “Sportv Repórter” sobre a saúde dos atletas de alto rendimento.

A MÍDIA E A RELAÇÃO COM A CULTURA ESPORTIVA

Talvez pareça natural para os tempos atuais, mas é sempre bom lembrar que os meios de comunicação de massa hoje são, senão os principais, um dos sócios-proprietários que gerenciam e promovem os eventos representativos do fenômeno esportivo. Os momentos e fatos que marcam cada aparição midiática que diga respeito ao fenômeno são elaborados para que tragam, em alguma medida, retorno financeiro para os gestores do espetáculo. Sendo assim, parece válido pensar em que dimensões constitui-se a representação hegemônica da cultura esportiva na sociedade contemporânea.

Se pensarmos a partir da concepção das mediações culturais (MARTÍN-BARBERO, 2009) e entendermos o esporte como um bem cultural, produzido pela e pertencente à sociedade de uma maneira geral, a trajetória histórica de apropriação do fenômeno esportivo pelos meios de comunicação de massa passa por dois processos de mediação que o levam de uma matriz da cultura à um formato industrial. O primeiro se caracteriza pela “institucionalidade” com que bens públicos são entregues a interesses privados, passando de um serviço público de Estado para uma mercadoria com valor de troca. O segundo, denominado “tecnicidade”, que estruturado a partir da lógica empresarial de produção leva de volta o esporte para a sociedade através das competências comunicativas e das capacidades tecnológicas da mídia, agora já em formato e proporção industrial, massificado.

A mediação da “institucionalidade” do esporte olhada sob o prisma acadêmico da Educação Física pode ser percebida nos argumentos e afirmações de Bracht (1997) quando fala sobre a “instituição esporte” que possui códigos e símbolos específicos na sociedade e, em seguida, na apresentação que Pires (1998) faz de breves considerações sobre a “espetacularização e a mercadorização do fenômeno esportivo”, que é o processo de adequação do esporte à linguagem midiática, em específico às características da televisão, com o objetivo de tornar-se passível de veiculação em massa e de render mais à indústria midiática. Em segundo lugar, adaptado às lógicas de produção da mídia, a mediação da “tecnicidade” pode ser entendida a partir do que Betti (2002) afirma como o “esporte da mídia”, ou o “telespetáculo esportivo” tendo como característica marcante a “falação esportiva”, uma “competência de linguagem” (MARTÍN-BARBERO, 2009) de fidelizar o telespectador, conquistar mais audiência e massificar o produto, que no caso é o esporte.

No entanto, é possível perceber que em uma relação recíproca de benefícios, a mídia e o sistema esportivo associaram-se com

o intuito de fortificar cada vez mais a comercialização que é feita sobre o esporte, simbolizado pela dimensão do alto rendimento, de tal forma que traz audiência e verbas publicitárias para um e divulgação e hegemonia para o outro. O discurso que é veiculado pela mídia sobre o esporte não faz, de maneira objetiva, *links* com os prejuízos que a sua prática traz aos atletas, pelo contrário, enaltece as conquistas que foram alcançadas por eles, o padrão econômico e social adquirido, a aquisição de bens materiais para os familiares, além do corpo “belo” e “esbelto” que eles apresentam, até porque se fosse diferente disso, mercadologicamente estaria tirando valor do próprio produto a ser comercializado¹. Essa significância que se constrói do esporte de maneira fragmentada é a disseminação de uma “semicultura esportiva” (PIRES, 2002).

Esse quadro fracionado do esporte veiculado como um todo do fenômeno é uma característica comunicativa hegemônica e dominante da mídia na sociedade atual. Pires (2002) aponta sobre a posição que vem sendo assumida pelos veículos midiáticos de que,

a essa compreensão banalizada da cultura esportiva incorpora-se uma série de discursos descontextualizados, fragmentados e reducionistas sobre possíveis benefícios advindos da prática do esporte. Sua alegada relação com a melhoria da sociabilidade e das condições orgânicas de saúde, a apropriação de valores morais desejáveis e, principalmente, a obtenção das formas estéticas socialmente reconhecidas como ideais, é potencializada

1 O caso recente dos atletas da seleção jamaicana de Atletismo que iriam correr no mundial de Moscou em agosto de 2013 e foram pegos no exame anti-dopping. O fato foi noticiado na pauta dos meios de comunicação de massa, mas os motivos e as justificativas reais para o uso das substâncias proibidas pelos atletas em nenhum momento foram questionados. Defende-se, sobretudo, a pureza e a lealdade do esporte de alto rendimento moderno, no qual prega-se a igualdade de chances entre os competidores. Ver exemplos em <http://www.estadao.com.br/noticias/esportes,treinador-culpa-powell-e-atletas-por-doping-no-atletismo,1054365,0.htm> , <http://esporte.uol.com.br/atletismo/ultimas-noticias/2013/07/15/presidente-do-coi-afirma-estar-decepcionado-com-atletas-pegos-no-doping.htm>

pelo discurso midiático que, por sua capacidade de recorte/recriação da realidade, consegue produzir evidências confirmadoras e obscurecer os argumentos contrários, (p.86).

Dentro dessa realidade construída e do universo fragmentado do esporte espetáculo, as confederações esportivas estabelecem ligações cada vez mais íntimas com a mídia, o esporte fica reduzido apenas a uma simples mercadoria, já que, inclusive, modificam regras a fim de tornar os jogos mais prazerosos e atrativos para os telespectadores. Além das regras e dinâmicas do jogo, há também modificações nas vestimentas dos atletas, principalmente nos esportes femininos, com o intuito de ressaltar a sinuosidade do corpo atlético e fetichizar a sexualidade dos esportistas, tudo isso sem nenhuma preocupação com o bem-estar do atleta, mas sim com algo que vai prender mais a atenção do público consumidor e, sobretudo, vender mais o produto.

O esporte como fonte de lazer e de bem-estar, como direito humano e do cidadão, como bem cultural, era o que, nas condições parece utópico, deveria ser incentivado e disseminado pela mídia, esta entendida como um espaço público, porém o discurso que é apresentado volta-se ao alto rendimento e à busca por uma aparência mais satisfatória e padronizada perante a sociedade. Utilizar o padrão estético dos atletas como fonte de “motivação” é algo que vem abarcando patrocínios cada vez mais rentáveis aos clubes e instituições esportivas. Marin (2008, p. 86) retrata bem quando diz que “a vitrine televisiva retoma o que existe na atividade humana de vívido e de fluido, embala com estratégias triviais e fascinantes, e oferece como mercadoria”.

Nas palavras de Debord (1997) sobre a sociedade representativa do espetáculo, essa padronização reificadora dos sujeitos e a transformação em mercadoria pode ser sintetizada e compreendida em “o que aparece é bom, e o que é bom aparece”.

São estratégias comerciais adotadas pelo discurso midiático e pelo sistema esportivo para operacionalizar a indústria cultural e alcançar o seu público-alvo consumidor, onde para “todos há algo previsto” e assim, conseqüentemente, criarem-se novas demandas de consumo (ADORNO, HORKHEIMER, 1985).

É nesse formato industrial, de produção em série e comercialização em massa de produtos vinculados ao esporte, que socialmente se constituiu a concepção da relação entre esporte e saúde. Um relacionamento permeado por interesses mercadológicos e inclusive ideológicos, que na difusão do esporte telespetáculo (BETTI, 2002) elabora-se um entendimento “polissêmico do esporte” (BETTI, 1998), que quando da massificação do fenômeno esportivo como mercadoria passou a ser difundida uma associação de práticas corporais e de quaisquer atividades ou exercícios físicos com a prática esportiva, uma forma de transformar a todos em esportistas e como consequência, consumidores de material e todos os produtos da indústria esportiva. Assim, no cerne desse processo massificador do esporte, elaborou-se uma perspectiva de causa e efeito, com a representatividade dos atletas como símbolos de corpo admirável e saudável, a tendência comum de compreender a atividade física relacionada à saúde.

A SAÚDE EM DEBATE

No seu processo histórico de desenvolvimento a Educação Física se legitimou como campo do saber e como campo de intervenção social através da influência de instâncias sócio-políticas como a corporação militar e, também, de ciências-mãe que lhe serviram como base epistemológica como as Ciências Biológicas e Médicas, as Ciências do Esporte, e mais recentemente as Ciências Humanas e Sociais. Este percurso tocado por diferentes

perspectivas sociais e científicas proporcionou uma certa fragilidade existencial em determinados momentos da sua história, mas também possibilitou que a área percorresse e alcançasse variadas e divergentes posições acadêmico-científicas acerca do conteúdo que se tornou concernente a ela. São exemplos disso os movimentos ginásticos, a higienização da Educação Física, a militarização, o processo de esportivização e a pedagogização da área.

Sendo assim, a temática da saúde, como uma das vias que serviram de legitimação social da Educação Física, também passou e continua passando pelo processo de influência de diferentes perspectivas acerca da sua definição e da sua concepção. Um deles, talvez o mais tradicional e aceito socialmente (senso comum), o da “ausência de doenças”, muito influenciado pelo paradigma biomédico. Além desse, há também a conceituação da OMS - Organização Mundial de Saúde, que trata a saúde como um estágio individual de “completo bem-estar físico, mental e social e não só ausência de doenças”. No entanto, se analisarmos estes conceitos, pode-se perceber que ambos apresentam problemas teóricos e práticos.

A perspectiva biomédica concebe a saúde e norteia a sua intervenção social a partir da prevenção de doenças. Ou seja, a Educação Física passa a se preocupar basicamente nos fatores de risco que implicam no acometimento de doenças por parte da população.

No que se refere ao discurso institucional da OMS sobre a saúde como “completo bem-estar”, apresenta-se um concepção talvez inatingível de ser saudável, que abre precedente para a utopia e de imediato responsabiliza cada sujeito pela sua condição de saúde ou doença, independente de qualquer fator psicossocial que possa atingi-lo.

A problemática que surge para a Educação Física é que esse discurso, da medicalização da saúde e do idealismo da compreensão de bem-estar, carrega uma concepção de monocausalidade da atividade física relacionada

à saúde, o que simplifica e minimiza o papel e a capacidade de intervenção social da área. Estas são críticas já realizadas por Mezzaroba (2012), Barros et al (2013) e Palma, Estevão, Bagrichevsky (2003).

Após essas primeiras interferências no debate sobre saúde dentro da Educação Física, novas perspectivas surgem com o intuito de superar a compreensão da dimensão individualizante das primeiras. Uma delas é a Saúde Coletiva, que tem por objetivo abranger os sujeitos que compõem uma sociedade ou grupo social, e deve ser compreendida como um campo de práticas e saberes que possibilitam interpretações e explicações ampliadas a respeito do processo saúde-doença (LUZ, 2007 citado por MEZZAROBA, 2012). Neste caso, o processo de desenvolvimento da qualidade de vida dos sujeitos e das suas respectivas comunidades estão centrados no projeto de intervenção social das diversas áreas envolvidas, entre elas a Educação Física. Em geral, a Saúde Coletiva tem as necessidades sociais como primordiais a serem atendidas na promoção da saúde.

A outra perspectiva e a discussão teórica mais recente que tem ganhado força na Educação Física é a Salutogenia. Uma concepção que abdica da tradição biomédica em concentrar-se nos fatores de risco à doença e foca os seus esforços nos fatores de proteção à saúde. A salutogênese tem como premissa básica os “sentidos de coerência” (BRODTMANN, 2006; OLIVEIRA, 2004) que permitem compreender a integridade de uma vida saudável dos sujeitos a partir da sua flexibilidade, confiança e significância nas situações e contextos apresentados no dia a dia, inclusive nas relações interpessoais estabelecidas no cotidiano.

Diante dos posicionamentos velados ao entendimento da saúde na sociedade e em específico na Educação Física, evocamos aqui um slogan que costumamos sempre ver nas ruas ou via televisão e demais meios de comunicação: “Esporte é Saúde”. Começamos a refletir então, o Esporte pode mesmo ser associado ao discurso

da Saúde? E porque se faz essa associação? Será que está ligada ao consenso de que a atividade física por si só gera a saúde e, em um concepção polissêmica e monocausal, colocam o esporte como sendo essa atividade física? E os outros fatores não colaboram ou degradam com a saúde dos atletas?

A partir dessas perspectivas, nos remetemos ao esporte que outrora era realizado como uma atividade prazerosa, mas que se tornou um trabalho e por sinal árduo para quem o pratica. Para praticá-lo enquanto trabalho, requer uma maior dedicação, um esforço redobrado, superações, ultrapassagens de limites corporais e uma aprendizagem muito dolorida, que é lidar com dores diárias e no final, se tudo der certo, como na maioria das vezes não dá, obtém-se o êxito e diversas conquistas. Estamos falando do esporte de alto rendimento!

Como será que os fatores de proteção a saúde estão amoldados na perspectiva de cada atleta? É possível ser um atleta de alto rendimento e ter estado de saúde impecável, sendo padrão para as outras pessoas, inclusive estando satisfeito com o seu trabalho?

Voltamos a refletir e a questionar: Esporte de Alto Rendimento faz mal ou bem à saúde? Estamos aqui nos referindo à subjetividade de cada indivíduo e sua relação com a prática esportiva que desenvolve além dos fatores de risco que estão ligados à doença, os fatores de proteção ligados a promoção de saúde.

Saúde - esta palavra que é simples a primeira vista, ao mesmo tempo se torna complexa por ser difícil conceituá-la diante da sua imensidão de possibilidades e olhares. Vencer desafios, ter uma qualidade de vida, aumentar a expectativa dela, diminuir consideravelmente as taxas de mortalidade infantil, dentre outros fatores tem sido primordiais na busca para se melhorar essa tão anelada saúde. Desse modo,

responder subitamente o que é saúde não é uma tarefa fácil. É necessário compreendê-la como um todo, enquanto fenômeno vasto quando estamos tratando da realidade, bem como pensar nas suas limitações quanto a sua definição.

A questão social faz-se presente no debate acerca da saúde. Porém, se a desconsiderarmos, a responsabilidade pela promoção da saúde torna-se um problema de ordem individual, recaindo sobre o próprio sujeito. O indivíduo tornar-se-ia o único responsável por combater os males do mundo moderno, como por exemplo, o sedentarismo, estresse, doenças hipocinéticas, dentre outros, transformando-se no maior culpado pelo seu desajuste em relação aos padrões de vida considerados “saudáveis”.

“Saúde” não pode ser tratada como uma variável exclusivamente biológica. Elementos sociais, políticos, culturais e econômicos estão envolvidos na discussão sobre este assunto e, obrigatoriamente, devem ser considerados se o objetivo for compreender a questão de maneira mais aprofundada (PALMA, ESTEVÃO E BAGRICHEVSKY, 2003).

Com isso, conclui-se, ao menos momentaneamente, que a saúde é amplamente reconhecida como o maior e o melhor recurso para o desenvolvimento social, econômico e pessoal, assim como uma das mais importantes dimensões da qualidade de vida. Mas e a relação entre esporte e saúde, parece ser uma tensão permanente e uma questão que não se esgota diante das diferentes perspectivas com que se pode conceber e olhar o sujeito saudável. Nessa direção que apresentamos a seguir um estudo realizado a partir de um discurso midiático-esportivo veiculado por uma canal fechado de televisão sobre a relação do esporte de alto rendimento com a saúde dos atletas.

ABORDAGEM METODOLÓGICA E DESCRIÇÃO DO OBJETO

A pesquisa foi feita a partir de uma análise dos eixos temáticos do programa com uma abordagem qualitativa que segundo Minayo (2008, p. 57):

é o que se aplica ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam.

Como o programa utiliza exemplo de vários atletas e de diversos contextos esportivos, a intenção é de analisar a abordagem do tema saúde em cada exemplificação feita pelo programa dentro de uma pesquisa descritiva que (RAMPAZZO, 2005) apresenta com as seguintes características: observa, analisa e correlaciona fatos ou fenômenos (variáveis), sem manipulá-los; estuda fatos e fenômenos do mundo físico e, especialmente, do mundo humano, sem a interferência do pesquisador; procura descobrir com precisão a frequência com que um fenômeno ocorre na sua relação e sua conexão com outros, sua natureza e suas características; e, por último, busca conhecer as diversas situações e relações que ocorrem na vida social, política, econômica e demais aspectos do comportamento humano, tanto do indivíduo tomado isoladamente, como de grupos e comunidades mais complexas.

O programa foi veiculado no canal fechado, Sportv, da rede Globosat, no programa “Sportv Repórter” que é apresentado no site do canal² da seguinte forma: “Luis Roberto traz histórias curiosas e interessantes de apaixonados por esporte. O Sportv Repórter não opina, apenas revela os fatos”. A edição foi transmitida em 18 de setembro de 2010, em um sábado, às 22 horas. O programa foi apresentado pelo

2 <http://sportv.globo.com/reporter/> acessado em 30 de novembro de 2010 às 16 horas.

repórter Marcos Peres e teve um tempo de duração de 45 (quarenta e cinco) minutos que foram divididos em 3 (três) blocos com intervalos comerciais. Sendo que todo o assunto que foi utilizado e veiculado pelo programa será analisado a partir da “análise de conteúdo” que segundo afirma Bardin (2009):

Trabalha com vestígios: os documentos que pode descobrir ou suscitar. Mas os vestígios são a manifestação de estados, de dados e de fenômenos. Há qualquer coisa para descobrir por e graças a eles. [...] o analista tira partido do tratamento das mensagens que manipula para inferir (deduzir de maneira lógica) conhecimentos sobre o emissor da mensagem ou sobre o seu meio, por exemplo (p. 41).

CONTEXTUALIZANDO O PROGRAMA “DOR E LESÕES DOS ATLETAS DE ALTO RENDIMENTO”: RESULTADOS E DISCUSSÕES.

No primeiro bloco do programa foi abordado o tema saúde e lesões nos atletas de alto rendimento fazendo um panorama da vida cotidiana de alguns atletas brasileiros ainda em atividade: Gabriela Silva da natação, Diego Hipolyto e Jade Barbosa, ambos da ginástica artística. São apresentados diversos aspectos que perpassam o universo do mundo esportivo de alto nível como a saúde dos atletas e a agressão ao corpo que eles promovem em si mesmos para superar os limites e alcançar o sucesso. Superação e sucesso que são posicionados pelo programa como dependentes um do outro para que se efetivem. A partir deste posicionamento são mostradas imagens de atletas chorando e sofrendo em treinos, porém tratando as dores de maneira natural. Além das imagens, são veiculadas falas de médicos especialistas em fisiologia do esporte e ortopedia fazendo análises e trazendo diagnósticos sobre a saúde dos atletas.

Esse primeiro eixo temático expõe a relação de atletas de alto nível com o treinamento cotidiano e a convivência com as dores e lesões. São, segundo a discussão que enfatiza a beleza, o glamour e o sucesso no esporte, mutilações necessárias e inevitáveis ao corpo do atleta vitorioso. Além dessa agressão ao corpo, Kunz (1994) destaca que entre as dimensões inumanas do esporte de rendimento está também o doping como estratégia de súbita melhora dos resultados do atleta que o utiliza, mas que esta prática possui uma série de implicações a saúde do corpo. Contudo, diante desse exposto, cabe perguntar: o que leva esses sujeitos a se submeterem aos ditames do sistema esportivo que martiriza a saúde do corpo dos atletas?

O programa ressalta também que o esporte de competição nada tem a ver com a tradicional relação esporte-saúde e sim, única e exclusivamente, com a superação dos limites do corpo e da performance. Porém, para isso a reportagem apresenta fala de médicos especialistas em fisiologia do exercício e do treinamento esportivo reforçando a idéia de medicalização da concepção de saúde dos atletas e os preceitos biomédicos que sustentam os fatores de risco para o corpo “doente” dos esportistas. São diagnósticos anatomofisiológicos que em nenhum momento contextualizam as dimensões sócio-culturais e a situação econômica destes sujeitos que se submetem a essas condições de degradação do corpo.

O segundo bloco aborda o esporte de alto rendimento e o problema do treinamento precoce. Apresenta-se logo de início uma famosa frase do mundo esportivo “*no pain, no gain*”, que comumente é colocada como receita do sucesso para o atleta iniciante. Mesmo ainda criança a dor já é atrelada como condicionante para se tornar um atleta de alto nível. O “Sportv Repórter” informa sobre os possíveis problemas de saúde que o treinamento precoce pode causar futuramente às crianças, porém correlaciona uma possível necessidade desse início

tão cedo nos treinamentos com o aspecto financeiro, a questão da sustentabilidade para os atletas e suas famílias.

O segundo eixo temático analisado abordou um dos problemas mais polêmicos da área da Educação Física no que diz respeito ao treinamento precoce especializado tendo como dilema a frase explícita neste bloco “*No pain, no gain*” (sem dor, sem ganho), o qual expõe o mito do esporte de rendimento que para obter sucesso e recordes treina-se demasiadamente acarretando em dores musculares, muitas vezes lesões, que são acometidas principalmente na infância. A maioria dos atletas inicia sua carreira no esporte de alto rendimento desde cedo com o propósito de que quanto mais cedo começar mais rápido se transformará num bom atleta. Isso se dá, devido ao aproveitamento da melhor forma física enquanto jovem, na qual em tão pouco tempo alcançam o apogeu de sua prática esportiva.

Diante dessa discussão, Kunz (2000) enumera os maiores problemas que um treinamento precoce especializado pode provocar sobre a vida da criança e especialmente sobre seu futuro ao encerrar a carreira esportiva, são eles: formação escolar deficiente; unilateralização de um desenvolvimento motor que deveria ser plural; reduzida participação em brincadeiras infantis, já que no treinamento de rendimento é necessário um mínimo de 6 horas de treinamento diário. Assim,

Para quem treina diariamente, e isto é o que normalmente acontece, significa uma carga de trabalho diária de oito horas, quarenta horas semanais, sem incluir competições nos fins de semana, quando houver. Naturalmente, também, a própria saúde física e psíquica são atingidas num treinamento especializado precoce. (KUNZ, 2000, p. 50)

Neste mesmo bloco é explorada a questão do movimento “stop” Norte Americano que retrata a diminuição da sobrecarga em

treinamento infantil abordando unicamente a saúde física do atleta, ou seja, criticam o treinamento precoce como algo que desgasta excessivamente as articulações trazendo graves riscos à saúde dos sujeitos no futuro. Vale ressaltar também, que além dos prejuízos à saúde física, existem também os prejuízos psicológicos que segundo Kunz (2000) se manifestam e se tornam mais graves num momento de desilusão, fracassos e pela própria cobiça por medalhas.

Ao analisar tal fato aos condicionantes socioeconômicos, é importante destacar o quanto a comercialização dos rendimentos esportivos começa a adquirir cada vez mais precocemente, ou seja, a partir de atletas muito jovens, os resultados e recordes cada vez mais cedo. Isso ocorre, porque quanto mais jovem o atleta iniciar sua carreira profissional no esporte mais recorde este precisará alcançar, pois a idéia do retrocesso nos resultados é algo impensável no treinamento de alto rendimento.

Como qualquer outra profissão, os atletas praticantes do alto rendimento também possuem seus agravos conseqüentemente ligados ao sistema capitalista que vivemos, na qual, envolvem muito mais a questão da sustentabilidade do sujeito do que qualquer outro fator, seja relacionado à saúde ou não.

A partir daí, o programa aborda através de imagens, a naturalização da dor por parte dos atletas em foco e trata o problema psicológico e social deles não por essas questões relacionadas à saúde, mas sim pela perda ou falta de sucesso na profissão. Diante disso, existe uma pressão psicológica que de certa forma culpabiliza o sujeito, responsabilizando-o e fazendo se desligar do aspecto saudável pessoal, remetendo-se o fato do esporte de rendimento da mesma maneira a que a concepção de Atividade Física relacionada à Saúde culpabiliza as vítimas por não praticarem atividade diária e serem sedentárias (BAGRICHEVSKY; PALMA; ESTEVÃO, 2003).

Por fim, o terceiro e último bloco do programa apresenta ao espectador como os ex-atletas de alto rendimento convivem com as dores e lesões que afetaram as carreiras deles. São utilizados atletas que foram muito famosos quando estavam no auge, conquistaram vários títulos importantes, mas tiveram que abandonar o esporte devido as dores e lesões que sofreram e não conseguiram se curar até hoje, são exemplos como: Gustavo Kuerten e Flávio Saretta do tênis e Marcelo Negrão do voleibol.

Nesse eixo temático o programa continua abordando as dores e lesões dos atletas como algo bem natural, inclusive apresenta médicos e fisiologistas reforçando a visão biomédica tradicional e hegemônica no discurso de saúde no esporte, e afirma que “a tolerância à dor é a seleção natural do esporte”. Diante dessa afirmativa, os próprios profissionais apresentam o termo “resiliência psicológica” como a capacidade dos sujeitos de suportar a pressão para manter o alto nível esportivo. Sendo que, confirmam que esta capacidade é a principal causadora dos problemas futuros de saúde dos atletas.

Finalizando, o Sportv Repórter elenca a consciência pessoal dos esportistas talvez, como o principal problema da relação dor, lesões e saúde no esporte de alto rendimento, desta forma responsabilizando novamente os atletas pela sua vida saudável ou não. Nesse sentido, é possível visualizar na apresentação realizada pelo programa, a manutenção e a reprodução do sistema neoliberal da sociedade do espetáculo denunciada por Debord (1997), onde a subjetividade humana é subsumida aos interesses representativos do comércio. No caso do esporte de alto rendimento, a essência humana é embalada como um produto a venda e colocada nas prateleiras da TV, sendo que quando a “peça” está debilitada e perde o seu valor de troca, simplesmente descarta-se e substitui por outra mais nova e mais rentável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi discutido sobre o esporte de alto rendimento no texto e nos exemplos do objeto analisado, ressaltamos que o fato do programa ser uma produção de um veículo midiático especializado em cobertura esportiva e que comercializa em toda a sua grade diária eventos do universo do esporte de alto rendimento, de certa forma, explica o fato da abordagem sobre a problemática da saúde na relação com o fenômeno esportivo ter sido tão reduzida ao aspecto biológico dos atletas em questão. Neste caso específico, trata-se de um canal de televisão fechada que compõe um conglomerado de indústria midiática que tem estreitas relações comerciais com o sistema esportivo, sobretudo direitos de transmissão adquiridos de diversas modalidades e competições esportivas de alto rendimento. Sendo assim, conforme foi supracitado, não dá para esperar mais do que uma cobertura esportiva fragmentada, descontextualizada e com uma realidade recortada de acordo com os interesses comerciais das lógicas empresariais de produção dos meios de comunicação de massa.

É notável também a questão da medicalização da saúde abordada durante todo o programa. Em todos os eixos temáticos apresentados, as informações e até críticas sutis que são feitas ao contexto da saúde dos atletas, são embasadas em falas e afirmações de médicos especializados em ortopedia e fisiologia do esporte. Ficou perceptível que o programa em nenhum momento buscou alternativas conceituais sobre saúde em outras ciências, principalmente as humanas e sociais como a psicologia, sociologia e a antropologia. Afinal, apesar dos atletas terem suas representações sociais midiaticamente construídas como heróis, eles são todos seres humanos, porque não tratá-los a partir do olhar das Ciências Sociais e Humanas? A partir de um contexto interpretativo e explicativo como

na Saúde Coletiva ou até mesmo através dos sentidos de coerência preconizados pela Salutogenia.

Um terceiro ponto importante a destacar é a culpabilização e responsabilização dos atletas que o programa traz a todo instante. Os esportistas são tratados como vítimas, porém de uma maneira que são responsabilizados pelo próprio sofrimento ao escolher o esporte de alto rendimento como objetivo de vida. Em nenhum momento são discutidos aspectos como condições sociais desses sujeitos, nem as necessidades pessoais e familiares deles. Um tratamento reducionista que reforça a validade e, sobretudo, a atualidade dos aforismos e das acusações de Debord (1997) na *“Sociedade do Espetáculo”* acerca da reificação e solapamento da subjetividade humana na realidade recriada pelo espetáculo.

Portanto, esta pesquisa provoca uma reflexão acerca do que o discurso midiático, mesmo quando se propõe a falar criticamente sobre um tema problemático que é a saúde e sua relação com o esporte, realmente pretende: informar os espectadores a partir de uma visão reducionista e simplificada ou esclarecer os mesmos a partir de uma visão crítica ampliada sobre uma temática que permeia a vida cotidiana social de todos? Os indícios apontados durante o texto direcionam o caminho a trilhar na perspectiva de superar a “semicultura esportiva” (PIRES, 2002) difundida pela mídia, na busca do equilíbrio compreensivo e crítico dos meandros que permeiam a relação entre esporte de alto rendimento e saúde. Sobretudo, ao pensar a complexidade dessa relação, não esquecer de levar em conta e contextualizar que os atletas de alto nível são apresentados como ídolos, mitos vitoriosos, persistentes, superadores de limites e dificuldades, mas que eles são, antes de tudo, seres humanos que possuem desejos e necessidades assim como qualquer outro seres mortal.

REFERÊNCIAS

ADORNO. T. W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009.

BARROS, J. V. S. et al. Educação Física e Saúde: por que ampliar o conceito e pensar em novas possibilidades pedagógicas? Reflexões a partir de experiências com a saúde coletiva e salutogenia. In: DANTAS JUNIOR, H. S. et al (Orgs). **Educação Física, Esporte e Sociedade: temas emergentes**. v. 6. São Cristóvão: Editora UFS, p. 98-119, 2013.

BETTI, M. **A janela de vidro: esporte, televisão e educação física**. Campinas: Papirus, 1998.

_____. *Esporte na mídia ou esporte da mídia?* **Motrivivência**, Santa Catarina: UFSC, ano XII, N° 17, 2002.

BRACHT, V. **Sociologia crítica do esporte: uma introdução**. Vitória: UFES, 1997.

BRODTMANN, D. “O que mantém as crianças e jovens mais saudáveis?” Novas maneiras de entender a saúde e suas consequências para a promoção e educação da saúde. In: KUNZ, E.; TREBELS, A. H. (Orgs) **Educação Física crítico-emancipatória: com uma perspectiva da pedagogia alemã do esporte**. Ijuí: Ed. Unijuí, p. 97-115, 2006.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

KUNZ, E. As dimensões inumanas do esporte de rendimento. **Movimento**, Porto Alegre/RS, v. 1, n. 1, p. 10-19, 1994.

_____. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2000.

MARIN, E. C. O espetáculo esportivo no contexto da mundialização do entretenimento midiático. Campinas: **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, v. 30, n. 1, p. 75-89. Set/2008.

MARTIN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. 6ª Ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.

MEZZAROBA, C. Saúde na Educação Física: compreensões, reflexões e perspectivas a partir de um conceito amplo e social de saúde. In: ZOBOLI, F.; DANTAS JUNIOR, H. S.; KUHN, R. (Orgs). **Educação Física, Esporte e Sociedade**: temas emergentes. v. 5. São Cristóvão: Editora UFS, p. 25-42, 2012.

MINAYO, M. C. de S. (ORG). **Pesquisa Social**: Teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

OLIVEIRA, A. A. B. O tema da saúde na Educação Física Escolar: uma visão patogênica ou salutogênica? In: KUNZ, E.; HILDEBRANDT-STRAMANN, R. (Orgs). **Intercâmbios científicos internacionais em Educação Física e esportes**. Ijuí: Ed. Unijuí, p. 241-260, 2004.

PALMA, A.; ESTEVÃO, A.; BAGRICHEVSKY, M. Considerações teóricas acerca das questões relacionadas à promoção da saúde. IN: BAGRICHEVSKY, M.; PALMA, A.; ESTEVÃO, A. (Org) **A saúde em debate na educação física**. Blumenau(SC): Edibes, p. 15-32, 2003.

PIRES, G. de L. Breve introdução ao estudo dos processos de apropriação social do fenômeno Esporte. **Revista de Educação Física/UEM**, Maringá, v. 9, n. 1, 1998.

_____. **Educação Física e o discurso midiático**: abordagem crítico-emancipatória. Ijuí: Ed. Unijuí, 2002.

RAMPAZZO, L. **Metodologia científica**: para alunos dos cursos de graduação e pós-graduação. 3ª ed. São Paulo: Loyola, 2005.